

## Vida e cotidiano na comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati - CE

Ozaias da Silva Rodrigues

Doutor em Antropologia Social/Universidade Federal do Amazonas

<https://orcid.org/0000-0003-2834-4318>

[ozaiasufc@gmail.com](mailto:ozaiasufc@gmail.com)

### **Apresentação do ensaio fotográfico**

Em seu *Iconoclash*, Bruno Latour nos faz a seguinte indagação: Por que as imagens provocam tanta paixão? (Latour, 2021, p. 108). Será que o adágio popular que diz 'Que uma imagem vale mais do que mil palavras' está certo? Se estiver, isso se deve ao fato de que, assim como as palavras, as imagens também são signos (significante + significado), como defende Latour (2021) e, se são signos, elas nos dizem algo sobre alguém ou algum lugar. É dessa forma que enxergo o uso que fiz da fotografia em minha pesquisa de doutorado.

As imagens que constam neste ensaio fotográfico foram, em sua grande maioria, produzidas por mim e em diversas ocasiões, entre 2022 e 2023. Em poucas ocasiões, além de pedir permissão para fotografar, tive que solicitar que pessoa fotografada agisse naturalmente. Em outras ocasiões, eu tirei fotos em momentos de lazer, de descontração e pedi posteriormente a permissão para reproduzi-las. Enquanto caminhava pela comunidade quilombola do Cumbe, localizada em Aracati/CE, eu identificava elementos que me pareciam importantes de registrar imagetivamente, como o muro pintado de uma casa, um saco de ração para camarão, os caranguejos, a paisagem repleta de tanques de carcinicultura, o museu da comunidade, o posto de saúde, as igrejas, as dunas, a praia, uma gamboa, o prédio da associação quilombola, bem como quilombolas trabalhando ou no lazer, entre outros. Algumas imagens me foram fornecidas pelos/as interlocutores/as, mas não foram incluídas na tese nem aqui, exceto duas: uma de Ronaldo Gonzaga e outra de Antônio Filho.

Nesse sentido, as imagens informam, elas transmitem algo que as palavras não podem transmitir da mesma forma que as imagens (Soares, 2001). São linguagens distintas, com funções distintas. No entanto, defendo aqui que ambas são complementares, não dissociáveis, pois, na reinvenção que proponho de um famoso adágio popular, 'uma imagem deveria valer tanto quanto mil palavras'. Ao pensar em *Os argonautas do Pacífico Ocidental* (1978) e *Os Nuer* (1999), essa máxima reinterpretada se encaixa perfeitamente. Nesses dois livros, as imagens têm papel relevante tanto quanto as palavras têm. Na verdade, as imagens fazem parte da descrição etnográfica; elas não estão à parte dela. Afinal, o pesquisador também faz etnografia ao registrar em foto algo que julga interessante para si, para sua pesquisa ou para os/as interlocutores/as. Não se trata de 'provar que estive lá', mas de adicionar uma outra dimensão à narrativa etnográfica, aprofundando-a e fortalecendo-a. O ensaio fotográfico aqui proposto pretende ser isso: parte de um relato etnográfico.

Nos debates sobre as formas de registro etnográfico, a escrita e a imagem se destacam na tradição antropológica. No caso da pesquisa que realizei, o registro foi feito por meio da escrita, com o auxílio das imagens; essa última complementando aquela. Da mesma forma que na produção escrita – pensar a relação entre quem escreve e sobre quem escreve, na produção imagética etnográfica é necessário pensar sobre quem fotografa e quem é fotografado/a. Às vezes, o etnógrafo se ausenta desses registros imagéticos; em outras ocasiões, ele também aparece neles, como foi o meu caso em poucas situações. Nesse segundo caso, pode-se dizer que a pretensão de objetividade na produção imagética não deve guiar o nosso olhar sobre o outro. A imagem é uma relação e fruto dela, assim como a escrita. Se me coloco como sujeito na escrita, evidenciando em alguns momentos meus sentimentos e meu corpo, por que não me permitir ser fotografado junto com os/as interlocutores/as?

A pesquisa que desenvolvi entre 2021 e 2023, na comunidade quilombola do Cumbe, me trouxe muitas descobertas, sobre mim e sobre o mundo. Lembro que, antes de visitar o Cumbe e ver fotos de pessoas que já tinham ido lá, achei linda aquela paisagem toda recortada de lagoas artificiais. Porém, ao pisar naquele território e ser informado de que, na verdade, aquelas lagoas eram tanques, viveiros de camarão, a impressão de beleza visual que tive antes se desfez. Essa desilusão ocorreu porque o convívio com os/as quilombolas me fez entender o impacto e a degradação socioambiental da carcinicultura naquele território. A beleza dos tanques de carcinicultura ao longe contrasta fortemente com o impacto desses empreendimentos no ecossistema local quando não seguem as leis ambientais. Nesse cenário, houve a contaminação do rio Jaguaribe por substâncias

tóxicas derivadas dessa atividade (Pinto *et al.*, 2014, p. 278), sendo que a maioria desses empreendimentos, às margens do afamado rio, não possui lagoas de estabilização (Pinto *et al.*, 2014, p. 283), como deveriam ter por indicação da lei.

Ao caminhar pelo território com Cleomar, liderança comunitária, bem como uma das principais interlocutoras da pesquisa, e outras pessoas, e ver os tanques de carcinicultura, eu não pude mais olhar aquela paisagem com os mesmos olhos, sabendo o que os tanques representam para os/as interlocutores/as e seu território. Assim como a escrita, as imagens nos ajudam a estar lá (Geertz, 2009), a sentir o território nativo de alguma forma e foi com esse intuito que registrei ou os/as interlocutores/as registraram em fotos paisagens, pessoas e coisas que são importantes para a comunidade quilombola do Cumbe, como o mangue, a praia, o cemitério, as dunas, o rio, os papangus, entre outros.

As imagens que aqui presentes foram produzidas entre 2022 e 2023. É importante destacar que os/as quilombolas do Cumbe utilizam o filme e a fotografia em suas diversas atividades, tanto para registro próprio, quanto para divulgação da luta pelo seu território. As imagens, portanto, não dizem respeito apenas ao olhar do pesquisador, mas também ao olhar dos/as interlocutores sobre eles/as e sobre seu território. Eles/as produzem uma narrativa imagética sobre o território em que vivem. Nesse sentido, submeti as imagens aqui presentes à avaliação de uma das principais lideranças quilombolas do Cumbe, a fim de que ela me ajudasse a escolher o que, a seu ver, representa fielmente a comunidade. Façamos então essa viagem através das imagens e também das palavras.

Começo pelas dunas, chamadas pelos/as moradores/as de morro. As dunas, que hoje são recortadas por torres eólicas, são palco de memórias antigas do lugar e também o local da lenda de Dom Sebastião, que João do Cumbe sempre conta aos/às diversos estudantes, universitários ou não, que visitam a comunidade para conhecê-la. Ainda tratando de visitantes, temos na segunda imagem barcos com cadeiras que levam os turistas pelas águas do grande Jaguaribe e suas gamboas. Na terceira imagem, temos um registro feito de uma apresentação de cortejo de papangus, tradição essa que envolve jovens, crianças, adultos e idosos. Quanto à quarta imagem, deixo ao/à leitor/a a interpretação, pois é a única que não consigo descrever o que sinto toda vez que a vejo. Mas ela me remete a algo como força e resiliência diante dos obstáculos da vida.

As dunas reaparecem na quinta imagem, dessa vez mostrando como as tentativas de privatização daquele território coletivo não cessam. Na sexta imagem, vemos um guaiamum, que é símbolo de força e bravura, quando comparado aos demais tipos de caranguejos. Na imagem sete, temos o registro de uma das várias manchas de óleo que tomaram conta da praia do Cumbe após anos do episódio de derramamento de óleo que

afetou o litoral do Nordeste, especialmente em 2019. O registro é de 2023; portanto, o óleo continua afetando o ecossistema local, embora em menor escala. Na oitava imagem, vemos um *banner* da festa do mangue de 2022, sobre a qual dissertei em Rodrigues (2024), entendendo essa festa como um rito de convocação coletiva pela defesa do território. Na nona imagem, vemos uma gamboa, ladeada por vegetação de mangue, onde pousam pássaros e garças. Aos pés das árvores, vários aratus se movem de um lado para o outro e se escondem quando percebem a aproximação de humanos.

Na décima imagem, temos um registro da Santa Cruz e de parte do cemitério local. A Cruz costumava ser o ponto mais alto da comunidade, mas as torres eólicas roubaram esse título. Na décima primeira imagem vemos um caranguejeiro andando pelo apicum em um domingo em que fomos pegar alguns caranguejos. Na décima segunda imagem observamos um muro que foi pintado por jovens e crianças quilombolas como parte de uma oficina educativa. Destaco a presença do arco-íris como símbolo LGBTQIA+, pois, durante a oficina vários/as participantes se identificaram com essa sigla. Na décima terceira imagem, as torres eólicas reaparecem, agora na praia, dando a sensação de que o território todo está cercado por elas. Na décima quarta imagem vemos uma máscara de papangu feita com ‘material da natureza’ (madeira, palha, conchas).

A décima quinta imagem traz uma mensagem da perspectiva dos/as pescadores/as da comunidade quilombola do Cumbe. O manguezal alimenta a todes, mas deve ter sua riqueza protegida. Por fim, há o registro de um tanque de carcinicultura e eles, assim como as torres eólicas, estão por toda a parte na comunidade. Essas duas últimas imagens se confrontam, pois enfatizam presenças distintas e frequentemente antagônicas. Os tanques de carcinicultura são antagonistas da preservação do mangue, disputando espaço no território com o apicum e o manguezal. Essa última imagem foi uma escolha minha e a inseri para ilustrar os “dias de destruição” que se abatem sobre o Cumbe com a chegada dos tanques, do óleo e do parque eólico.

Esses ‘dias de destruição’ podem ser interpretados como uma história global do capitalismo, da qual nos fala Stengers (2015), que confunde as pessoas sobre as suas consequências (p. 9). O capitalismo é claro no que exige e promove, mas confuso sobre seus corolários socioambientais. É a história de um capitalismo predatório, que explora à exaustão humanos e não-humanos. Nesse cenário a possibilidade de se continuar a vida requer uma outra história, uma história que inverte as prioridades e a perspectiva do que é prioridade, sendo as mudanças climático-ambientais uma delas. O “progresso” e o “desenvolvimento” do capital se baseiam no direito de não ter cuidado (Stengers, 2015, p. 73), direito à irresponsabilidade (Stengers, 2015, p. 93), de não se importar com as

consequências e os danos socioambientais. Entrementes, os/as quilombolas do Cumbe cuidam do seu território e de si, pois o cuidado é fundamental para entendermos a continuidade da vida quilombola, que é operada na biointeração (Santos, 2015). Esse é contexto etnográfico que se apresenta ao/a leitor/a no presente ensaio.

### Caderno iconográfico



**Imagem 1.** Vista das dunas do Cumbe, com parque eólico ao fundo.

Ozaias Rodrigues, 2022.





**Imagem 2.** Vista de uma gamboa, do mangue e de barcos de passeio.

Ozaias Rodrigues, 2022.



**Imagem 3.** Apresentação dos papangus do Cumbe no evento Povos do Mar.

Ozaias Rodrigues, 2023.



**Imagem 4.** Mãe e filho quilombolas olhando a duna e o horizonte.

Ozaias Rodrigues, 2023.



**Imagem 5.** Vista de uma duna com estacas que simulam uma cerca.

Ozaias Rodrigues, 2023.





**Imagem 6.** Ronaldo mostrando um guaiamum.

Ozaias Rodrigues, 2023.



**Imagem 7.** Manchas de óleo na praia do Cumbe.

Ronaldo Gonzaga, 2023.





**Imagem 8.** Banner referente à festa do mangue de 2022.

Ozaias Rodrigues, 2022.



**Imagem 9.** Vista de uma gamboa e do mangue a partir de um barco.

Ozaias Rodrigues, 2022.





**Imagem 10.** Base da Santa Cruz do Cumbe, localizada no cemitério da comunidade, tendo aos pés ex-votos feitos de madeira.

Antônio Filho, 2022.





**Imagem 11.** Caranguejeiro andando pelo apicum.

Ozaias Rodrigues, 2023.



**Imagem 12.** Muro de uma casa pintado por jovens e crianças da comunidade durante uma oficina.  
Ozaias Rodrigues, 2023.





**Imagem 13.** Vista da praia do Cumbe, com barracas feitas pelos/as quilombolas e parque eólico ao fundo.

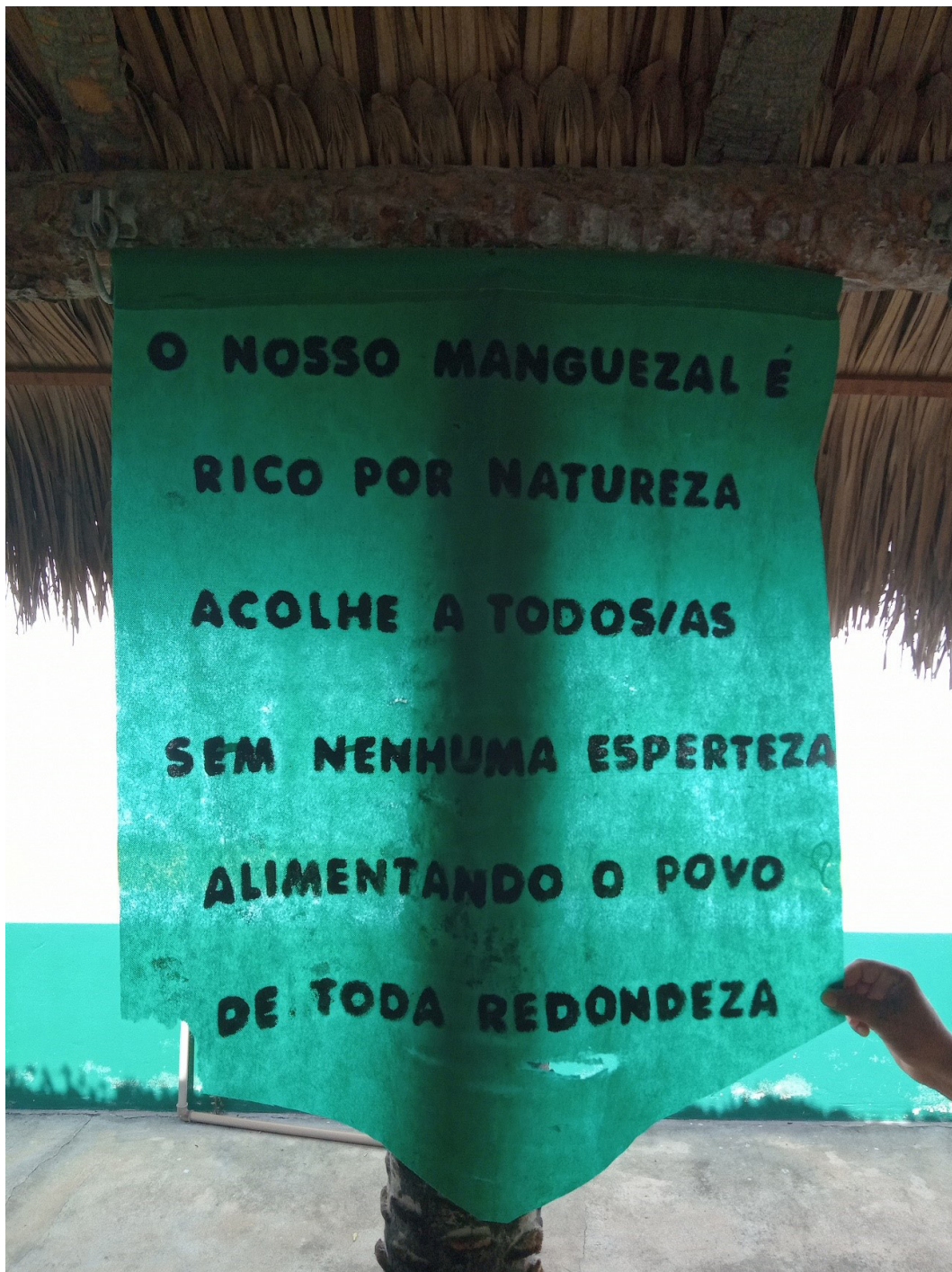
Ozaias Rodrigues, 2022.





**Imagem 14.** Máscara de papangu apresentada por Márcio.

Ozaias Rodrigues, 2022.



**Imagem 15.** Estandarte com dizeres, no ponto de cultura Chama Maré.

Ozaias Rodrigues, 2022.





**Imagem 16.** Tanque de carcinicultura no “Cumbe de cima”.

Ozaias Rodrigues, 2023.

## Referências

- Evans-Pritchard, Edward Evan (1999). *Os Nuer - uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Geertz, Clifford (2009). *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Latour, Bruno (2021). *Sobre o culto moderno dos deuses fatiches: seguido de Iconoclash*. São Paulo: Editora Unesp.
- Malinowski, Bronislaw Kasper (1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.
- Pinto, Marcia Freire; Nascimento, João Luís Joventino do; Bringel, Paulo Cunha Ferreira & Meireles, Antônio Jeovah de Andrade (2014). Quando os conflitos socioambientais caracterizam um território? *Gaia Scientia*, Volume Especial Populações Tradicionais, pp. 271-288.
- Rodrigues, Ozaias da Silva (2024). *“Possibilidade nos dias da destruição”: pandemia e a continuidade da vida entre remanescentes quilombolas do Cumbe – Aracati/Ceará*. Tese de doutorado, PPGAS/Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.
- Santos, Antônio Bispo dos (2015). *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Soares, Simone Simões Ferreira (2001). A importância da Antropologia Visual nas monografias etnográficas. *Revista de Ciências Sociais*, 32(1/2), pp. 113-119.
- Stengers, Isabelle (2015). *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify.

Recebido em 19 de março de 2024.

Aceito em 04 de junho de 2024.



Vida e cotidiano na comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati - CE

### **Resumo**

As imagens que constam neste ensaio fotográfico foram, em sua grande maioria, produzidas por mim e em diversas ocasiões, entre 2022 e 2023. As imagens retratam o cotidiano da comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati/CE. Fiz registros fotográficos com os/as interlocutores/as em momentos de lazer e de descontração, sempre pedindo posteriormente a permissão para reproduzi-los. Andando pela comunidade quilombola, eu identifiquei algumas coisas que me pareciam importantes de registrar imagneticamente, como um saco de ração para camarão, os caranguejos, a paisagem repleta de tanques de carcinicultura, o museu da comunidade, as igrejas, as dunas, a praia, uma gamboa, o prédio da associação quilombola, bem como quilombolas em momentos de lazer, entre outros. Convido você, portanto, a fazer uma viagem ao Cumbe através de imagens e palavras.

**Palavras-chave:** Vida; Quilombolas; Cumbe; Aracati.

Life and daily life in the quilombola community of Cumbe, in Aracati - CE

### **Abstract**

The images in this photo essay were, for the most part, produced by me and on several occasions, between 2022 and 2023. The images portray the daily life of the quilombola community of Cumbe, in Aracati/CE. I took photographic records with the interlocutors in moments of leisure and relaxation, above all, and later asked for permission to reproduce them. Walking through the quilombola community, I saw some things that seemed important to record visually, such as bag of shrimp food, the crabs, the landscape full of shrimp farming tanks, the community museum, the churches, the dunes, the beach, a gamboa, the quilombola association building, as well as quilombolas working or at leisure, etc. So let's take this trip to Cumbe through images and words.

**Keywords:** Life; Quilombolas; Cumbe; Aracati.